

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º 4 entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	\$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

19.º Anno — XIX Volume — N.º 616

5 DE FEVEREIRO DE 1896

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Cactano Alberto da Silva.



## CHRONICA OCCIDENTAL

Mimi lhe chamavam.

E este nome tão de criança, que lembra tanta ternura e meiguice e parece o titulo d'um poema infantil, ficava-lhe perfeitamente aos seus cabellinhos brancos, ao seu ar doce, ao seu modo de ser feito de brandura, de bondade, de ideias de justiça, alma de santa com uma intelligencia d'anjo.

Mimi lhe chamavam, mas era glorioso o seu verdadeiro nome.

D. Maria Adelaide d'Almeida Garrett casára, ha muitos annos, com o Dr. Carlos Guimarães, o medico estimadissimo por todos os frequentadores de Cintra e cujo coração é bemdito pela pobreza.

Foi ali, n'aquella terra que parece a realisação pela natureza d'um novo paraizo no mundo, que os seus annos deslisaram serenos, eguaes, sem quasi uma sombra, a não ser d'estas que a crueldade da vida a todos traz indistinctamente, como se fosse a Injustiça que os homens devessem figurar com uma venda nos olhos.

Aquella natureza potente, aquella montanha que é um ramalhete enorme de verdura e flores envolto n'uma atmosphera de perfumes, tudo quanto n'aquella terra fala mansamente ao espirito, poderosamente ás phantasias, aquella extraordinaria, pujantissima belleza, que não tem rival e possui todos os tons, desde os mais graves aos mais encantadores, tudo quanto ali fala misteriosamente ou canta em côro suavissimo que vae direito ás almas, a conversar com ellas, a encantal-as, a subjugal-as para depois as enlevar, tudo era um quadro digno d'aquelle sensibillissimo coração, capaz de todos os sentimentos bons, d'aquelle formosissimo espirito, claro como um dia de luz, penetravel para quanta idéa tivesse um fundo de caridade christã, de bondade, de modestia, elle, que tinha, como nenhum, o amor santo ás pessoas por um ideal do Bem, ás coisas pelas memorias acordadas, alma herdeira da de Garrett, cuidadosa no cultivo da saudade.

Se os herdeiros teem que dar contas a Deus da herança recebida, ella apresenta a juizo, sublimadas, todas as virtudes de seu pae.

Digna filha foi do poeta que, longe da patria, escreveu aquelle extraordinario livro, o poema em versos brancos, o *Cambões*, e cantou tão docemente a saudade e a rosa purpurea e bella. D'elle herdou sua filha aquella sentimentalidade intelligente que tantas lagrimas enxugou. Como ella comprehendia a dôr, como sabia reflectil-a no proprio coração! E, reflectida, era balsamo, luz suave de luar, que consolava a dôr alheia.

Como as do poeta acima da humanidade que compoz o *Fr. Luiz de Souza* e, descendo ao fundo das almas, soube em fraze simples descrever as maiores paixões e a maior das dôres, as suas palavras meigas, d'uma simplicidade só attingivel pelos que sentem muito, iam direitas ao coração, tinham uma uncção religiosa, abriam aos desesperados horizontes novos em que brilhava uma luz placida, serena, em que os olhos descansavam gostosos.

E, para que nada lhe faltasse d'aquelle extraordinario espirito que, por vezes, divagava contente

sobre as plantas rasteiras do valle depois de haver subido ao mais alto cume da montanha amado pelo sol, tinha ella, como o auctor das *Viagens na minha terra*, a mesma graça no dizer, no contar as anedoctas, nas observações.

E sempre carinhosa, e sempre boa!  
Se Deus lhe perguntar o uso que fez d'essa extraordinaria herança com que a dotou a alma genial d'um dos maiores poetas portuguezes, pode ella responder-lhe, risonha: — «Fiz o bem que pude, alegrei os tristes, animei os desesperados, consolei os que soffriam. Dos meus labios

não sahiram senão palavras balsamicas de esperança. Abri sorrisos em muitas boccas, desfiz muitas rugas, accendi a luz em muitos olhos. Sabia o que herdára e honrei a memoria de meu pae.»

Mal o havendo conhecido, pois que lhe morrera sendo muito nova ainda, guardava d'esse tempo da sua infancia uma saudade religiosa, como que perfumada pelo incenso d'um thuribulo.

Possuo e guardo com respeitoso carinho o livro sobre Garrett escripto por Gomes de Amo-

## A GUERRA EM CUBA



O GENERAL MARTINEZ CAMPOS

rim e annotado á margem pela Sr.<sup>a</sup> D. Maria Adelaide com uma ternura filial encantadora.

Orphã muito cedo, passou a mocidade no collegio das Sallesias, que era já n'esse tempo, o que ainda é hoje, uma das melhores casas de educação em Portugal.

Ali foram cultivadas as finissimas qualidades d'aquelle coração, as brilhantissimas faculdades d'aquelle espirito, que só uma encantadora modestia, bem mal cabida, impediu que fulgisse para o mundo com toda a sua luz deslumbradora.

Primorosamente instruida, illuminado o seu espirito, com todos os conhecimentos proprios d'uma senhora que havia de brilhar na mais alta sociedade, n'esse tempo a mais illustrada, outros maiores bens trouxe da excellente casa de educação a que os seus a confiaram e que n'ella formou uma mulher christã, amando o dever que conhecia, e sabendo sacrificar-lhe com santa e feliz abnegação a sua vida inteira.

Fulgiam n'ella todas as virtudes christãs que praticava na sombra em que, pela mesma natureza propria, gostava de occultar-se, com o rosto risonho, o sacrificio alegre.

Não impedia isso que, os que a viam passar-lhe imaginassem em torno do vulto aristocraticamente simples a aureola d'ouro que se costuma sonhar para os santos.

Com tal natureza, com tal educação, não admira que na sociedade em que viveu fosse bemquista por todos.

Adoravam-a.

Tinha um condão extraordinario. Virtuossissima, mas tendo a illuminar-lhes a virtude uma altissima intelligencia, não fazia sombra a ninguem. Com uma luz finissima fazia a critica de toda a obra d'arte. Adorava a leitura. Lia muito e sabia ler. Um qualquer romance que contasse augmentava de valor na sua bocca. Comovia-se na narração, explicava caracteres, fazia descrições.

Conhecendo admiravelmente a obra do pae, explicava-a com enthusiasmo.

Enojava-a quanto fosse baixo e grosseiro. Certos livros nem os abria, apenas suspeitasse do que tratavam. Nem sabia explicar que prazer poderia haver em escrevel-os. O seu instincto feminino irritava-se contra as faltas de pudor. Adorava a poesia. A filha de Garrett devia de ser assim.

E entretanto tomava parte contente na conversação mais vulgar, alegrando-a, aqui, ali, por um dito, uma observação a tempo, uma anedocta contada com uma graça muito sua, feita de intelligencia e de bondade. Não havia para ella assumptos vulgares, porque os transformava, sabendo perfeitamente, com tacto finissimo, sem nunca descer, pôr a sua conversação ao alcance de todos, não molestando nunca a sociedade em que se encontrava.

A casa do Dr. Carlos Guimarães era um dos centros da mais fina sociedade em Cintra. Erã duas almas de tempera finissima, d'uma delicadeza que não admittia uma sombra, abrindo-se para mostrar, como exemplo, todas as virtudes sociaes, lhanez, primores de educação, fechando-se para occultar o oiro do mais fino quilate que os amigos mais intimos, ás vezes os mais modestos, iam encontrar cheio da luz, que occultavam mas transparecia, lá no fundo, bem no fundo.

Foi em meio das novas triumphaes do nosso exercito em Africa que nos chegou a dolorosa noticia.

D. Maria Adelaide Garrett havia fallecido em Cintra.

Era a unica descendente do grande poeta. Era como um rasto de luz viva, um arrehol esplendido, que nos deixou aquelle astro depois que desapareceu.

Nunca mais a hão de ver aquelles para quem ella foi tão boa, para quem ella tanta, vez, a melhor das melhores amigas, descerrou o cofre precioso das suas joias limpidas. Não de aquellas arvores enormes em cujas sombras passeava, quando a doença lh'o permittia, estranhar a prolongada ausencia d'aquelle visão tão querida. E, se a natureza tem alma, ha de soffrer como soffrem as nossas almas.

Mimi lhe chamavam. Ia bem o nome aquelles cabellinhos brancos, emmoldurando aquelle rosto suave, que a doença empallidecera. Caminhava devagarinho, encostada ao seu bordão, sempre com o sorriso nos labios. Falavam-lhe as arvores rumorejando, as violetas com os seus perfumes, as aves com os seus cantares. Se todos soubessem o bem que ella fez aos desgraçados, como todos lhe falaria!

A doença envelhecera-a antes de tempo, enrugara-lhe o rosto, apagara-lhe olhos, entorpecera-

lhe o andar. E ella sorria sempre, como se fosse feliz, paciente para o soffrimento. Mimi era um nome simples. Mimi era o nome d'ella.

Cintra continuará a ser o paraizo na terra: os ulmeiros gigantes, as tilias dos Pisões, os velhos castanheiros, os platanos de largas folhas, os pinheiros da serra, continuarão a encher de frescura os pincaros da montanha e os valles onde a agua corre por meio dos fetos; as violetas, as rosas, as verbenas continuarão a encher a atmosphera com seus perfumes; hão de os nevoeiros continuar a subir desde a enorme saphira do mar até ás mais altas rochas da Pena e do Castello dos Moiros; as manhas hão de encher de perolas de orvalho as plantas verdes dos vallados, as heras dos penedos, o musgo dos muros velhos; por aquellas ruas, por aquellas estradas, pelos atalhos estreitos que sobem pela serra, hão de passar bandos alegres, que vão acordar os eccos de Seteae, admirar a Pena e Monserrate, merendar nas guaritas do Castello. Tudo será como d'antes; mas a Cintra ha de faltar alguma coisa.

Só pela saudade tornaremos a ver o que foi.

«Saudade, gosto amargo de infelizes.»

João da Camara.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### A GUERRA EM CUBA

A insurreição que desde longo tempo se tem manifestado na ilha de Cuba, formosa possessão da nossa vizinha Hespanha, mostra-se actualmente n'uma nova phase que convem registrar.

Lucta cujos antecedentes são muito complexos, as situações mais diversas se succedem e as mais desencontradas noticias se propalam, de forma a ser difficil achar a verdade.

É certo que os insurrectos pretendem a sua autonomia, e que a Hespanha tem envidado os maiores esforços e sacrificios para não deixar de ser soberana d'aquella riquissima ilha, cuja perda parece inevitavel.

Actualmente, a substituição do veneravel general Martinez Campos pelo general Weyler trouxe umas debéis esperanças em favor dos direitos da Hespanha; o velho general acaba de chegar a Madrid onde a corte o recebeu como devia sabe-se que não concorda com a guerra, a qual na sua opinião se deve terminar rapidamente pois que custa 72 milhões de pezos por anno e a Hespanha não tem recursos para tanto. Emfim, sustenta o seu antigo parecer de que deve ser dada a autonomia á ilha.

Foi o general Martinez Campos, como se sabe, o commandante em chefe da expedição a Cuba, e sendo, como tambem é sabido, exonerado desse cargo, regressou a Hespanha, onde se encontra.

O velho heroe de Melilla e de outras collisões que illustraram as armas hespanholas dirigiu então, ao exercito e aos voluntarios de Cuba a seguinte falla na occasião da sua despedida:

«Soldados e voluntarios do exercito de Cuba: O governo de Sua Magestade mandou-me entregar o commando das tropas ao dignissimo general Marin.

Exercendo eu, ao mesmo tempo, os logares de governador geral e de general em chefe, tinha de responder ás obrigações de ambos.

Não fui feliz, apesar de vossos esforços e soffrimentos no segundo d'aquelles cargos.

Como governador geral não quiz seguir a politica de guerra que a opinião dos partidos constitucional e reformista me indicavam e que a minha consciencia me impedia de executar.

Expuz estas considerações ao governo que, empenhado em vejar os altos interesses da patria e comprehendendo a incompatibilidade que existe entre mim e os patidos e inspirado no patriotismo, me deu a demissão.

Sinto bastante ter de me despedir de vós que tantas provas de affecto me desteis, e sinto bastante que pelo meu duplo cargo de governador e general em chefe, não tive e podido compartilhar das vossas fadigas, privações e perigos como me correspondia.

Se em mim houve faltas como general em chefe, o vosso valor, a vossa disciplina, os vossos soffrimentos, o vosso constante anelo em dar a vida

pela patria, quasi completamente as dissiparam.

Orgulhoso me sinto eu por vos ter commandado, e desnecessario é dizer-lhes que sigam, como até aqui seguiram as minhas, as ordens que lhes forem dadas pelo meu querido companheiro o general Marin, que vos saberá conduzir á victoria, devolver a paz a Cuba, e a tranquillidade á mãe patria.

Havana, 18 de janeiro de 1896.

O vosso capitão

Arsenio Martinez Campos»

Da forma como o general Marin se tem havido é difficil fallar. Todavia, por alguns telegrammas avulsos deprehende-se que vae aproveitando os revezes que os cubanos tem soffrido.

Entretanto, a situação agrava se e todo o mundo vê bem que não é o prestigio do general Weyler que salvará a possessão hespanhola. Poderá a guerra mudar de aspecto, mas actualmente mantem-se.

A Hespanha põe todas as suas melhores esperanças na energia do novo capitão-general e talvez ellas tenham algum fundamento. Diz-se que os patriotas cubanos o temem bastante e que muitos emigram, deixando o campo livre. É verdade que o desastre recente que estes ultimos soffreram é importante, mas não se torna decisivo.

O ousado cabecilha Antonio Maceo, encontrava-se no littoral, com parte da sua gente esperando com impaciencia a chegada do vapor *Hawkins* em que Calixto Garcia havia de lhe trazer dos Estados Unidos, novos reforços de munições. O naufragio d'esse navio, não malogrando por completo a expedição flibusteira, tornou contudo deversas grave a situação de Antonio Maceo. Mas não obstante parece que a insurreição se vae alastrando.

A maior parte dos chefes rebeldes tem combatido em insurreições passadas e apesar de não terem uma educação militar, bem disciplinada, são naturalmente affectos ás guerrilhas, que se batem frente a frente com os hespanhoes, são magnificos atiradores e servem se prodigiosamente da sua arma predilecta o *machete*.

A rebellião foi cuidadosamente organizada e é Antonio Maceo o chefe superior das forças dos districtos mais importantes do centro da ilha. Seu irmão José Maceo é tambem chefe em outros pontos importantes, como a provincia de Santa Clara; e, Maximo Gomes faz a agitação da provincia de Puerto Principe, levantando, contra a Hespanha os naturaes da ilha.

Corrigindo o unisono d'este levantamento, vem as dissensões entre os chefes rebeldes; divergencias que a Hespanha não tem podido aproveitar.

Embora as inclemencias do clima tenham demorado as operações do exercito e voluntarios hespanhoes, parece, na opinião dos criticos, que se tem dado um grande fraccionamento de forças.

Está, pois, a guerra de Cuba, n'um dos seus mais graves periodos e todas as atencões estão voltadas para a grande Antilha.

O OCCIDENTE não podia deixar de registrar o acontecimento e acompanha com esta ligeira noticia as suas gravuras.

Antes de terminarmos, e para que bem se reconheça a importancia da ilha de Cuba, a joia das possessões hespanholas, indicaremos aos nossos leitores alguns dados geographicos e commerciaes respectivos.

A importancia politica da ilha de Cuba está bem reconhecida, e alguns estados do mundo tem pretendido negociar entre as diversas potencias o reconhecimento de belligerantes aos insurrectos.

A importancia commercial origina-se na variedade das suas produções tropicaes. Ilha enorme da America do Norte, a maior das Antilhas, a ilha de Cuba, está situada á entrada do golpho do Mexico, entre os 19° 48' e os 23° 15' de latitude norte e entre 76° 22' e 87° 15' de longitude oeste. Tem de comprimento cerca de trezentas leguas e cincoenta e cinco na sua maior largura.

O cacau, o tabaco, de qualidade superior, o assucar, a pimenta, a gengibre, o café, são os seus valiosos productos. Entre as minas que se exploram ha-as de ferro, diamantes, etc.

Desde cedo a Hespanha concedeu a esta sua possessão as maiores regalias, que contribuíram enormemente para o seu desenvolvimento cujo auge se atingiu com a liberdade de commercio que lhe foi concedida em 1805.

De todas as suas culturas, o assucar tem o primeiro lugar. A exportação pelo porto principal, a cidade de Havana, tem chegado a valores fabulosos. O tabaco, cuja fama é universal, é uma cultura indigena da ilha e foi, todavia, durante largos tempos, até 1821, um odioso monopolio. A cera e

o mel, o algodão, o arroz são productos que pelo porto de Matanzas se exportam em larga escala.

Desde muitos annos que a ilha de Cuba é um entreposto importantissimo e a situação, central do seu porto de Havana, de accesso fácil a todos os navios que vem da America, augmenta o valor da grande ilha, chegando ella a ser o centro do movimento commercial do continente americano.

Com taes elementos de riqueza, com taes condições de prosperidade comprehendem-se bem as razões e as vantagens que gozam a Hespanha e Cuba. Mas parece que a hora da independencia d'esta ultima se vae approximando, e que a autonomia da grande ilha é inevitavel.

## MULHERES HESPAÑOLAS

AGUADEIRA ARAGONEZA

Para qualquer estrangeiro que só conheça a Hespanha superficialmente, a mulher hespanhola reduz-se a uma — a andaluza, e ainda mais: é aquella que sem hesitar se dá como o typo nacional.

Todavia, não é assim e bem o demonstra o elegante escriptor do reino visinho L. Garcia Ramon n um mimoso artigo, deliciosamente illustrado que a respeito das mulheres de Hespanha acaba de publicar na revista franceza *Le Monde Moderne*.

Na verdade, é bem difficil fazer uma monographia da mulher hespanhola pois que a analogia que se julga descobrir á primeira vista entre as das diversas provincias é apparente, mesmo entre as mais parecidas; entre todas ellas ha um completo antagonismo.

Comprehende-se que essa variedade e distincção de typos femininos de formosura propria, trajos adequados, venha das numerosas raças que habitaram a peninsula ibérica.

Sem descer ás minudencias que distinguem as mulheres hespanholas, dizemos que ha typos inconfundiveis que se podem dividir assim: gallegas, salamanquinas, toledana, santanderinas, chulas madrilenas, sevillhanas, vascongadas, valencianas, catalãs, aragonezas e gaditanas.

Dos onze typos que indicámos, apresentamos hoje aos nossos leitores um dos mais sympathicos — a aragoneza trabalhadora, a gentil aguadeira.

Para os traços de caracter que distingue a aragoneza, traduzamos as palavras que D. Garcia Ramon lhe dedica:

E' incontestavel que no ponto de vista do sentimento patriótico, assás radicado nas mulheres hespanholas se deve reconhecer á aragoneza o primeiro logar.

Tem provado mil vezes a virilidade, a força, que desenvolve n'ella o amor pelo seu solo.

Quando ella quer uma coisa, quer — a bem; consideração alguma a desperua; as suas historias amorosas podem fazer fé. E' d'uma vontade inquebrantavel.

A aragoneza é franca e leal. Póde-se acreditar na sua fidelidade se ella a promette; soffrerá muito mas não falta á sua palavra, que considera como uma coisa santa. O seu coração apaixonado e perseverante de tudo receia.

Póde ser amada pela sua energia e actividade, mas ainda mais pelo bello numero dos seus encantos feminis, devéras apreciaveis: ternura, previdencia, delicadeza na sua conducta.

O homem pela sua franqueza cae muitas vezes na brutalidade, mas a mulher, essa sabe guardar melhor a medida.

Emfim, a aragoneza tão sympathica pelo seu caracter, é forte, sadia, de uma belleza severa e mais grave do que a das facinoras andaluzas, mas mais perduravel, esposa tão amantissima como mãe fecunda. E' bom notar que em Hespanha ha regiões, como a Galliza e as Asturias, onde a maternidade é uma verdadeira paixão.

Distingamos, pois, a trabalhadora aragoneza.

## Uma página de historia contemporanea

(Conclusão)

No conjuncto de factos e documentos a que nos referimos, resulta evidentemente que a rainha no dia 11 d'Agosto fez tudo quanto era humanamente possivel para obter o triumpho; se o não conseguiu não se lhe pode imputar o desastre, mas ás circumstancias topographicas, ao inexcedivel valor e intrepidez dos Voluntarios da Rainha, ás difficuldades d'um desembarque, debaixo do fogo vivissimo dos fortes, que não poderam ser todos calados pela artilheria da esquadra, aos obstaculos do terreno, agravados

depois pela escuridão da noite, finalmente á superioridade das forças liberaes, que antes de terminar a acção surgiram sob o commando do conde de Villa Flor no campo de batalha.

As batalhas ganham-se ou perdem-se segundo as circumstancias. Tambem em Waterloo os soldados francezes fizeram prodigios de valor, e comtudo foram vencidos pela firmeza e acertadas disposições do duque de Wellington. E os documentos que temos á vista e muitos outros a que por falta d'espaco nos não podemos referir, revelam a pericia do Conde de Villa Flor com os meios que tinha á sua disposição para obstar, não ao bombardeamento, mas ao desembarque. E' o proprio almirante Rosa que confessa a impossibilidade não só de tomar a cidade defendida pelo castello de S. João Baptista, mas a ilha toda, preparada para a lucta. O capitão general Henrique da Fonseca de Souza Prego no seu officio ao conde de Basto em desoito d'Agosto de 1829 é quem afirma que a Ilha Terceira estava em respeitavel estado de defesa, que os pontos susceptiveis de serem atacados eram poucos e de difficil accesso.

Pode por tanto dizer-se que frustrado o bombardeamento, a força miguelista expedicionaria, mesmo que tivesse effectuado o desembarque teria de luctar em terra com forças quasi superiores.

Está é que é a pura verdade, e que responde ás asserções dos que attribuem a traição, e não aos poderosos meios de que dispunha o partido liberal, na Terceira, o triumpho.

Interpretámos o pensamento da illustre commissão dos festejos, brindando á marinha portugueza pela sua conducta n'aquelle dia memoravel de 11 d'agosto, dando-lhe o primeiro logar nas suas manifestações, porque a encontramos sempre grande, forte e patriota, não só no começo da monarchia, mas sempre, em todos os tempos.

Outros factos ha que resultam dos acontecimentos que tiveram logar n'aquelle dia em que se manifestava abertamente a generosidade dos academicos voluntarios da Rainha, e que se reflecte tambem no conde de Villa Flor que era o primeiro a dar-lhes o exemplo na clemencia, nas grandes virtudes militares. Fora elle que substituiu ao reinado do terror e da violencia antes da sua chegada, um reinado de paz e tolerancia.

Mais tarde essas virtudes tambem se manifestam no Duque de Bragança, regente em nome da Rainha. Para comprovar esta asserção citaremos de passagem um facto desconhecido da geração moderna que teve logar na ilha Terceira depois da chegada do Duque de Bragança a esta Ilha.

Fora condemnado á morte Manoel Augusto Coelho tenente coronel que servira durante muitos annos, com honra e fidelidade. N'isto sua esposa a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Dulcem lembra-se de procurar o Duque de Bragança, acompanhada de sete senhoras, tambem esposas de outros condemnados, e dirigem-se ao palacio aonde residia o ex-imperador e que é hoje o do Governador civil. Estava em conselho o Duque de Bragança com o Marquez de Palmella e com o conde de Villa Flor.

Annunciada a visita d'aquella illustre senhora ao imperador, manda-a entrar com todas as da sua comitiva. Entrando ella e as suas companheiras lançaram-se-lhe aos pés. Usando da palavra aquella nossa illustre compatriota dirige-se ao imperador n'estes termos.

Senhor: até quando os serviços d'um leal, servidor, como foi meu marido, que servio o augusto pae de V. Magestade não merecem outro galardão senão o de uma condemnação á morte? Veja V. Magestade que taes actos nos deslustram e ao seu governo, e eu e minhas companheiras, vimos pedir-lhe que pense bem no que faz, pois não pode soffrer a deshonra no patibulo, quem, como meu marido, foi sempre soldado fiel e homem de bem. O imperador franziu a sobrelha e, em tom agastado objectou-lhe que se seu marido não soffresse a pena do patibulo, que havia de andar com ferros aos pés, como succederia aos duques de Lafões e Cadaval se fossem capturados. A isto respondeu a intrepida terceirense: *Pois se tão ignominiosa pena tem de soffrer, ou outros nas mesmas circumstancias mais lhes vale, senhor, serem enforcados.* Commoveu-se o imperador com estas palavras e respondeu-lhe que se fossem em paz porque a clemencia havia de alliar-se com a justiça. E assim terminou este dialogo unico na historia em que sobresaem as virtudes d'aquella generosa esposa e benemerita mãe de familia, e ao mesmo tempo mostram que o primogenito de D. João 6.<sup>o</sup>, cuja educação como a de seu irmão o principe D. Miguel, não fôra

das mais aperfeçoadas o era comtudo em sentimentos de commiseración e de piedade.

O Marquez de Palmella, á saída accrescentou ás palavras do imperador estas tambem consoladoras — *Não se afflijta minha senhora que o imperador ha de mostrar-se como sempre clemente e justo.* Se a historia pode commemorar este facto de clemencia e justiça, deve-o á *gravidão dos membros d'essa honrada familia* que me subministraram todos os elementos para o commemorar n'este jornal.

E ao terminar este trabalho seja-nos permitido a proposito d'essa acção de 11 d'agosto e dos seus resultados, aventar uma idea que julgo digna de consideração, isto é, de uma visita aos Açores do augusto neto do Duque de Bragança e de sua augusta esposa, á terra heroica da liberdade e da independencia portugueza e que lhe valeu o glorioso titulo de Angra do Heroismo. E' a unica cidade do mundo que possui semelhante titulo.

SS. MM. iriam saudar o monumento de seu augusto avô, que domina a cidade de Angra e a sua formosa bahia, visitar o theatro de tantas façanhas durante tres seculos; o Castello de S. João Baptista, hoje quasi desprovido d'antiga e moderna artilheria, e cujo abandono contrasta com os successivos melhoramentos que a Inglaterra introduz em Gibraltar; a grande e formosa cidade de Ponta Delgada, hoje a rainha do Atlantico, nos Açores, e aonde ultimamente teve lugar uma exposição fabril, industrial e agricola, com tanto esplendor, que não destoa de muitas exposições que tem tido logar no continente do reino; o *Valle das Furnas*, que na estação balnear, e mesmo durante o anno attraem innumerous visitantes da grande republica da America do Norte; as *sete cidades* outro valle que rivalisa com os mais esplendidos da Suissa e da Italia, alguns dos quaes visitámos na Suissa, na Italia, e no Oriente, e que foi ultimamente cantado em verso pelo primeiro poeta dos Açores que por modestia occulta o seu nome sob o pseudonimo de *Mendo Bem*, e a quem agradecemos por este meio e julgamos dever agradecer n'este jornal a brilhante poesia que nos dedicou, descrevendo a *Lagoa das Furnas Secca*, as ilhas de Santa Maria, do Fayal, Pico, Graciosa, S. Jorge e o Corvo, que contem tambem paysagens, dignas de se verem, sendo que enquanto á pequena ilha do *Corvo*, foi ali que o grande estadista Mousinho da Silveira quiz ser sepultado.

Aos chefes de estados, aos conductores de povos incumbe o rigoroso dever de visitarem não só os paizes estrangeiros, n'um intento de boa e illustrada politica, mas tambem as provincias d'alem-mar que administram e governam, não só para justificarem a confiança n'elles depositada, mas em virtude do aphorismo que dentro da carta constitucional elles não sómente reinam mas governam, porque só assim se realisa e se exerce na phrase de D. Pedro V o penoso officio de reinar.

Ahi deixamos pois consignado este alvitre, que tomamos a liberdade, n'este lugar, por não nos ser permittido fazel-o pessoalmente ou por outro meio, de submeter á alta consideração e reconhecido patriotismo de SS. Magestades.

Os Açores pela intrepidez dos seus habitantes de que deram provas exuberantes durante tres seculos, pela sua adhesão ás instituições liberaes, pelas bellezas que a natureza lhes prodigalisou, bem merecem tal visita e se SS. MM. se dignassem visitar-os no novo *Adamastor*, no cruzador que se está construindo e que deve estar concluido no praso d'um anno, mais solemne se tornaria essa visita que coincidiria com este principio de rejuvenescimento da nossa marinha de guerra, coincidindo igualmente com a remodelação do nosso exercito, cuja disciplina recebeu ultimamente da bocca do Imperador Guilherme II um testemunho insuspeito d'admiração.

Dr. A. M. de Tavora.

## O DIARIO DAS CORTES

(Continuado de paginas 20)

A collecção do diario de 1852 consta de seis volumes, contados da sessão de 2 de janeiro até á dissolução das côrtes em 24 de julho.

A sessão real de 19 de dezembro de 1852, na qual prestou juramento el-rei o senhor D. Fernando, a assumir a regencia em nome de seu filho o senhor D. Pedro V, veiu só publicada no Diario do Governo, bem como as sessões de 21 a 31 do

## A GUERRA EM CUBA



ANTONIO MACEO  
GENERAL COMANDANTE DOS INSURRECTOS



MAXIMO GOMES  
PROPAGANDISTA DA INSURREIÇÃO

mesmo mez. No dia 31 foi o encerramento das Cortes.

Na sessão de 21 o deputado D. Rodrigo de Menezes (depois conde de Cavalleiros) apresentou uma proposta que foi apoiada pelo deputado Sotto Mayor, para que a camara nomeasse uma comissão para se estudar o melhor meio de se remediar a irregular publicação do Diario das Cortes, que, além de absorver enorme despesa, se achava atrasado cinco mezes.

Esta judiciosa proposta foi approvada pela camara, mas nada se fez, continuando do mesmo modo irregular a publicação do Diario durante os annos de 1854 e seguintes, devendo notar-se que as sessões do mez de janeiro de 1855 sahiram mui resumidamente impressas, em formato de folio grande, que destoava completamente do formato regular e ordinario das collecções já publicadas.

Este disparate durou felizmente apenas o referido mez, voltando o diario a sahir no antigo formato.

Eram ainda a esse tempo redactores do *Diario das Cortes* João Maria Gastão (1.º redactor) e José de Castro Freire de Macedo.

Em 1860 sahiram seis volumes contendo as actas e discussões desde 1 de janeiro até 4 d'agosto, e um outro volume (o 1.º da seguinte sessão ordinaria) de 4 de novembro até 31 de janeiro de 1861.

Dahi em diante até ao fim do anno de 1868 o Diario das Cortes deixou de existir, sendo as sessões das duas camaras publicadas no Diario do Governo.

Essa supressão foi motivada por uma proposta apresentada na sessão de 12 de janeiro de 1861 pelos deputados D. Rodrigo José de Menezes, Luiz Augusto Rebello da Silva, D. Luiz da Camara Leme, Thomaz de Carvalho, conde da Torre e F. L. Mousinho d'Albuquerque, «para que o *Diario da Camara dos Deputados* fosse incorporado no *Diario de Lisboa*, folha de grandes dimensões (a qual já aqui nos referimos) creada em 31 de outubro de 1853 para substituir o abolido *Diario do Governo*, e que, pelo seu monstruoso formato, podia satisfazer plenamente esse encargo.

Para essa proposta que não era mais do que a renovação d'aquella feita em 1853 pelo primeiro dos ditos deputados, resultava uma economia

de 1:200.000 réis, ainda mesmo mettendo em linha de conta o augmento de despesa na folha official do governo, bem como no pessoal do corpo tachygraphico o qual, necessariamente, teria de ser ampliado.

No entanto a proposta foi approvada e as sessões passaram por conseguinte a ser publicadas na sua integra no *Diario de Lisboa*, durante este estado de cousas desde fevereiro de 1861 até á reforma de 11 de dezembro de 1868, em que, pelo § 2.º do artigo 1.º d'esse decreto, foi estatuido que o *Diario das Cortes* fosse desencravado da folha official e passasse a formar collecção em separado.

## 4.ª EPOCA

Começa a quarta epoca do *Diario das Cortes* com a sessão de 4 de janeiro de 1869.

Trouxe o titulo, que ainda hoje conserva:

DIARIO DA CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS

Durante esta nova epoca de publicação teem sido seus redactores: Antonio Xavier Rodrigues



O VALLE DAS FURNAS -- VID. ARTIGO «UMA PAGINA DE HISTORIA CONTEMPORANEA»

Cordeiro antigo redactor do *Lisriense* e poeta primoroso. Nomeado em 1 de fevereiro de 1861, pela vaga deixada por Souza Monteiro, e aposentado em 1863.

João Chrysostomo Milicio (hoje visconde de Milicio) nomeado em 14 de janeiro de 1865 pela vaga deixada por Baptista Gastão, e exonerado, a seu pedido em 15 de janeiro de 1890.

João de Sousa Machado, actual redactor chefe. Nomeado em 4 de dezembro de 1865 pela vaga deixada Freire de Macedo, e nomeado redactor chefe em 1 de julho de 1863.

Antonio Silvestre do Rego que teve a sua nomeação em 18 de julho de 1882.

Manuel Antonio Pereira Junior. Nomeado redactor provisorio em 5 de abril de 1883 e definitivamente em 18 de janeiro de 1890.

Francisco de Sá Nogueira em 23 de abril de 1886.

E finalmente os srs. José Augusto Barbosa Colen e Affonso Xavier Lopes Vieira, ambos de recente nomeação.

Hoje a redacção do *Diario da Camara dos Senhores Deputados* faz-se com dobrado numero de redactores que havia ao principio. Porquê? .. É problema que não podemos resolver. Tem avolumado o numero de discursos? Tem augmentado os dias das sessões? Será a tendencia que ha sempre no nosso paiz em augmentar as despesas do estado? Que nos responda quem quizer.

Vejamos agora o que se tem dado com o *Diario da Camara dos Dignos Pares*. E publicação mais moderna que a da outra camara. Foi a constituição de 1838 que lhe deu origem.

Formará este assumpto o nosso seguinte artigo.

(Continúa)

Silva Pereira.

## UM D. JOÃO DE CASTRO DE CAPA E ESPADA

X

(Continuado do n.º 613)

A precissão — a *theoria christã* — eis a forma mais apparatusa e imponente, com que sempre se manifestou o sentimento religioso dos povos meridionaes, e um dos meios mais proficuamente empregados para o alimentar e robustecer. Fallavam as precissões aos olhos, aos sentidos; attrahiam a curiosidade de todas as classes, convocavam o povo; aproveitavam-se a industria e o commercio: — eram, n'uma palavra, umas festas em que, sem escandalo para o tempo, o sagrado se alliava ao profano. Concorriam n'ellas o esplendor e riqueza das imagens e as galas e louçanias das damas e cortezaes, e rivalisavam as ordens monásticas, disputando, entre si, qual fosse a mais numerosa, n'estes grandes aiardos da milicia catholica.

Eram recentes, e não estavam de todo extintas as grandes e terríveis loctas religiosas, no centro e no norte da Europa; dominava no Meio dia, ainda pujante e altiva, a Santa Inquisição. Impunha-se a Turquia pelo terror das suas armas; não era, estava ainda longe de ser, o *cadaver*, como hoje lhe chamam os diplomatas. O Grão Senhor de Constantinopla tinha exercitos e esquadras; o crescente do Propheta tremulava guerreiro e ovante nos mares, provocava cruzadas na christandade. Os turcos invadiam a Europa, desfraldavam o estandarte vermelho nas muralhas de Candia, e davam a mão aos corsarios barbarescos, que infestavam o Mediterraneo e assu-bavam as costas de Portugal e de Hespanha, apressando navios quasi á vista de Lisboa, e sob o alcance das nossas fortalezas!



A CIDADE DE PONTA DELGADA -- VID. ARTIGO «UMA PAGINA DE HISTORIA CONTEMPORANEA»

Quem estava livre, n'esse tempo, de, ao sair da barra, e, ainda por assim dizer, a sombra da terra, cair nas garras d'um corsario? Diplomatas que partiam da corte ufanos, para desempenharem altas missões na Italia, na Inglaterra, em França, na Hollanda; capitães illustres, que voltavam da India ou do Brazil; negociantes, aventureiros em busca da gloria e da fortuna; missionarios que iam evangelisar nas terras das nossas conquistas, se não iam nas esquadras, ou em grandes comboios, bem armados e promptos para o combate, corriam o risco de ver os seus planos malogrados, as ambições frustradas, as riquezas — sonhadas ou adquiridas — perdidas e roubadas, e elles captivos, quem sabe, por toda a vida, e amarrados na chusma, como escravos, ao banco d'uma galé mourisca, ou presos nas masmorras de Argel e de Tunis!

Por isso quando se fallava no *Redemptor dos captivos* sentia-se como um choque electrico: estremeciam todos, e os olhares longos, interrogadores e ansiosos, voltavam-se para o mar, prescretavam, agudos e avidos, o horisonte, e pareciam pedir-lhe, implorar-lhe a volta, o retorno d'uma esperança, que n'elle se lhes esvaira!

— A nau dos captivos! Está á barra! Vem entrando!... Já tundeou!

Quando em Lisboa soavam estas palavras, e a noticia corria de bocca em bocca, é difficil imaginar o que seria o tumultuar dos animos, o augeio, as ambições, ora vivas, ora mortas, da esperança, essa corrente agitada, violenta, da curiosidade mais sincera, mais sympathica, mais irresistivel — a curiosidade do coração! Quem não tinha no captivo um pae, um filho, um irmão, um parente, um amigo?! Viria agora? Ficaria lá... Estava ainda vivo?... Partiu novo, forte, cheio de saúde... Como voltaria?...

Depois vel-os com os olhos turvos das lagrimas da alegria; e abraçal-os, como se resuscitassem; e ouvir-lhes narrar a longa e lugubre historia do captivo, os tratos soffridos, os tormentos do corpo e as tribulações da alma, as privações, as saudades curtidas em tantos annos de ausencia, em terras inhospitas, entre gentes semi-barbaras, e duas vezes inimigas, pela tradição historica e pela religião! Que romances, que dramas, que tragedias!

A nau dos captivos!... Que titulo para uma historia — para muitas! E todas de sangue e lagrimas! Esse navio, que entrava agora, sereno, a barra do Tejo, quantas esperanças levava! — quantas mortes, quantas decepções, quantos desenganos trazia!

Seculo profundamente dramatico — este! Os mais pungentes lances, as mais tragicas aventuras, enlaçavam-se, a cada instante, na trama da nossa vida! Em terra a Inquisição — no mar os piratas! Dois terrores, dois mysterios! E ambos sanguinolentos, mortaes!

Uma sociedade como esta, no periodo que tentamos esboçar, vivendo affastada geographicamente dos grandes focos da revolução religiosa, que convulsionava o centro e o norte da Europa; christã e catholica por tradição, por educação, e por conveniencia politica dos que a dirigiam, porque uma scisão, uma heresia, provocando a guerra civil, seria a morte, o aniquilamento d'uma nacionalidade — sempre ameaçada; uma sociedade composta de elementos heterogeneos, que se disputavam a primazia, a influencia na alma do povo e no espirito do rei, tinha necessariamente nas suas crenças, profundamente arraigadas, no sentimento religioso, um dos seus mais fortes esteios, uma força de unificação e de resistencia, a que todos recorriam, e que todos invocavam, quando algum perigo ameaçava a patria ou as instituições. E por isso o cultivavam pela predica, pelo exemplo, e pela força. As naus que partiram para a conquista do Oriente levavam nas velas o symbolo da civilização dos povos modernos; no pavilhão triumphal dos nossos gloriosos e temidos baixes via-se tambem, em campo branco, o mesmo signal — a cruz de Christo! Andavam indissolvemente unidas as duas idéas — a patria e a religião.

O povo bebia-as com o leite, recebia-as na infancia com a educação, e por isso tinha a fé, isto é, a confiança absoluta na palavra dos sacerdotes, no verbo infallivel da Igreja. Os scepticos e os materialistas — ha-os em todos os tempos — se pertenciam ás altas classes dirigentes, acatavam, por conveniencia propria, e por espirito de classe, por delicadeza, a crença nacional, e conformavam os seus actos exteriores pelas praxes do ritual cortesão — respeitavam os outros, para que os respeitassem a elles. Se não eram crentes, eram

civilisados e politicos. Os proprios depravados, quando banidos da sociedade civil, pelos seus vicios ou pelos seus crimes, forcejavam por voltar a ella pela porta da religião. Quantos a procuraram, que, apagado da memoria dos homens o nome que tinham envilecido, sepultaram com elle o seu passado nas frias paredes d'uma cella, e resuscitaram para o mundo, arrependidos e regenerados! Alguns d'elles, os que tinham talento, brilham ainda hoje nas paginas da nossa historia.

\*  
\*  
\*

Corria o anno de 1669, e jazia em ferros, na Torre de Belem, D. João de Castro. Como elle supportaria esse castigo não é difficil imaginal-o, quem, como nós, já conhece o animo insofrido do truculento fidalgo. Que não envelheceria na prisão, quasi o temos por certo; mas, de todos os modos de evasão, o que lhe surtiu effeito, é exactamente aquelle de que nunca nos lembrariamos, tão extraordinario é pela sua innocencia, pela sua maravilhosa ingenuidade!

Fallamos das procissões religiosas. Em outubro d'esse anno fez-se em Lisboa uma, que attraheu innumera gente, tanto da cidade como de fóra, tornando vistosissimo o concurso ao apparatus espectral. Promoveram a os padres carmelitas calçados, com o fim de celebrarem a canonisação de uma santa da sua ordem — Santa Magdalena de Pazzi. Espaventosa foi ella, e «era tanto o numero dos carros, figuras de cavallo, invenções, e danças, que se viu vencida a riqueza da arte e o magestoso da novidade» — diz fr. Alexandre da Paixão. E porque se deu á estampa, continua elle — não relato individualmente as particularidades do acto.

Curioso documento seria este, e, se elle de todo se perdeu, é pena que o auctor o não incluisse na sua interessantissima chronica.

Mas não entra aqui a famosa procissão senão como incidente, e até poderiamos dizer que, serviu apenas para justificar um ablativo de... viagem. Desculpe-nos o leitor o tom ligeiro da phrase, porém como se trata d'uma fuga, parece-nos por isso que não destoia.

Como a celebração de tal festa concorreu para a liberdade de D. João, é o que fr. Alexandre nos vae dizer: damos-lhe a palavra.

«Estava o sobredito (D. João de Castro) preso na Torre de Belem, e por occasião de ser a procissão, que fizeram os carmelitas (21 de outubro) na canonisação de Santa Magdalena de Pazzi, da sua ordem, pediu licença ao capitão da Torre para a ir ver, prometendo lhe a fé de cavalleiro, de ir no sabbado e vir no domingo com tanto recato, que nenhuma pessoa o soubesse. Fiado na palavra, em que não devera fiar quem sabe que turcos não costumam guardar fé, lhe deu o tal licença, lembrando-lhe que o não lançasse a perder, o que seria facil, se Sua Alteza o soubesse.»

É característico o facto, e difine a epocha. Possivel então, hoje parece nos phantastico! E por isso dissemos que de todas as evasões imaginaveis, esta seria a unica de que nunca nos lembrariamos. O governador d'uma fortaleza, que tem sob a sua guarda um homem como D. João de Castro, preso a ferros, á ordem, não d'um corregedor, mas do proprio Regente, deixa-o sair, para ver uma procissão! Da boa fé do criminoso fazemos idéa, já o conhecemos; ao governador não, o auctor não nos diz quem elle era; mas fosse quem fosse, o que para nós resalta d'esta scena, o que nos dá a côr local, é D. João de Castro julgar que o desejo de ver uma procissão era um motivo, um pretexto attendivel, para pedir, e o outro, funcionario da confiança do Regente, acceital-o, e julgal-o razão sufficiente, para conceder!

Emquanto a fr. Alexandre parece nos elle severo em demasia, n'este ponto, quando chama turco a D. João. Turco, porque? Se elle viu, ou não, Santa Magdalena de Pazzi atravessar processionalmente as ruas da velha cidade, ninguém hoje o poderá affirmar ou negar; os que o podiam denunciar ou prender não boquejaram. Elle, do que prometteu, só deixou de cumprir uma parte — é verdade que era a mais importante, mas quem esperaria que elle o fizesse e voltasse para a prisão? Tem attenuantes o crime no natural amor á liberdade; só tem uma quem lh'a deu — a boa fé, quando o soltou, sem auctorisação de quem o mandara prender.

Do governador da Torre nada mais nos diz a chronica. Foi castigado, como devia? Como apreciaram a sua leviandade? Justificá-la-ia, aos olhos do tempo, o pretexto, o fim allegado? Não o sabemos.

Ignoramos o destino que teve este guarda infiel, que para D. João foi um verdadeiro anjo cus-

todio, mas não se dá o mesmo com o seu protegido. Este não tardou que de Hespanha mandasse noticias bem suas — amores e estocadas!

(Continúa)

Zacharias d'Aça.

## A RAINHA DE ESCOSSIA

SCENAS DA VIDA ARTISTICA, POR S. ADELUNG

Meu tio não podia levar á paciencia que um homem, possuindo, como eu, o titulo de barão Wart de Ulmbach, se quizesse fazer «pintamos» e não perdia a esperanca de qualquer dia me ver voltar ao bom caminho e procurar melhor modo de vida. Não que elle fosse ignorante, ou nutrisse desprezo pela Arte, mas, la para elle, os artistas não passavam de operarios de obra fina, cuja unica missão era a de «infeitar as coisas superfluas da nossa vida» — E fossem lá convencer o! A's minhas rajadas entusiasticas ácerca das transcendentes aspirações da pintura, da superior belleza d'essas immorredouras obras da arte, respondia com visagens de desdem e compaixão, e dizendo: «meu amigo, o que tu tens e minhocas n'essa cabeça», e punha-se a dar estalinhos com a lingua. Lá para elle, o meu talento era questão de muita duvida: «De tres coisas ha de prescindir o pintor que quizer tomar a serio a sua arte: — appellido nobre, dinheiro e mulher.» A esta ultima condição satisfazia eu, por emquanto, plenamente, as outras duas, porém, não estava na minha mão evital-as: e d'ahi, dediquei-me á pintura, de alma e coração, muito contra a vontade de meu tio, e este, posto me considerasse seu herdeiro, parecia resolvido a fazer-me esperar por muito tempo a herança. Ora, em primeiro lugar, isso pouco cuidado me dava, e em segundo, não me assaltava a minima impaciencia de dedicar o meu tempo aos cuidados inherentes á administração de uma fortuna. Assim que perdi meu pae, vim residir para a cidade, e entrei para Escola de Pintura. Até á presente data, fóra a Arte o meu constante sonho, e apesar dos sombrios vaticínios de meu tio, estava a ponto de ver realiado o meu sonho, de modo menos ideal, sem duvida, mas muito mais brilhante, do que me era dado anticipar. Em caso algum trocava pelo mais lauto festim esses modestos jantares e as ceias que eu e os meus collegas saboreavamos em commum, com tão genuina e franca alegria, e tão classico appetite, nas casas de pasto de segunda ordem. Que ricos sonhos, que sonhos de pedra que eu dormi, embalado pelos mais dourados e fagueiros sonhos, n'esse colção que mais parecia uma saca de batatas, da casa de hospedes da ponderosa viuva Aiker, a phoenix das patroas! — E aquellas ricas patuscadas, aos domingos?

Deixemo nos porém de conversas, e voltemos ao assumpto.

Era em fins de novembro, o dia estava escuro, carrancudo, e a tela radiante — verdadeira bachanal de côres — derramava, por assim dizer, ondas de luz por todo o recinto do atelier. Os grupos tão luminosos das figuras, o colorido vibrante das roupagens, o ambiente dourado da atmosphaera do quadro, a tranquilla harmonia da penumbra que envolvia os primeiros planos... Em summa, era um encanto!

— Não me recordo bem do assumpto do quadro — nymphas, creio eu, que fugiam não sei de que ou de quem — o que, porém, tenho bem presente, é a magia, o encanto de tão maravilhosa pagina de colorido, e que manifestei ao meu amigo toá a minha admiração, em termos do maximo entusiasmo.

— A julgar pela composição do assumpto, deve ser um quadro grande; — observei.

— A tela mede 3 metros 35, por 2<sup>m</sup>, 150.

N'esse caso não tens tempo a perder.

— Ora! tenho diante de mim um anno inteiro, e sabes melhor que ninguém, a rapidez com que pinto.

Wolkow reassumiu o trabalho que eu viera interromper; estava raspando, com a espatula, o nariz a uma nympa, e proseguiu:

— E tu, amigo? Em que alturas vaes? Estavas, aquella noite, em tal estado... que desalento, que lamurias!

— Que queres tu?... pois olha que, d'então para cá, não adiantei sequer um passo.

— Ainda não encontraste?

— Absolutamente nada!

— Sabes que mais?, disse Wolkow, e atirou com a espatula para cima da banquinha, onde se viam em maxima confusão tintas, pinceis, oleos, secantes e toda a paraphernalia do officio. Anda d'ahi, vamos vádiar um bocado. Por hoje, o que

havia de bezuntar, já bezuntei, e ir-te-hei contando pelo caminho o que consegui encontrar.

Não respondi palavra, e sahimos juntos. As muitas diligencias e os esforços inúteis que por toda a semana empregára, tinham-me posto de tão mau humor, e era tal o meu desalento, que pouco ou nada me importava, para onde Leão pregaria commigo.

Cortámos por variadas ruas e travessas, até que viemos dar á vereda principal da cidade.

— Saberás, pois, que em quanto a encontrar o que desejas, já encontrei ha muito tempo; porém como ella se chama e quem é, só hontem o pude apurar. Mora aqui, n'esta mesma rua, é filha d'aquelle grande ricasso, o banqueiro Richter. Lá como tu lhe poderás apanhar sessões de modelo isso é que não sei; mas os Richters são gente franca, accessivel, recebem bem toda a gente, e em quanto á filha, não vêem outra coisa n'este mundo. Amigo, o caminho que tens a seguir, é vêr se alguém te apresenta, e depois, ... atira-te! Em os velhotes vendo um barão a valer, um barão de sangue azul a fazer rapapés á filha, ficam logo de cêra... verás... e senão fores muito falto de jeito, e a souberes levar, estou que te não ha de custar demasiado a resolver-a a que te sirva de modelo.

— Que tu eras muito capaz de o conseguir, se estivesse no meu lugar, é coisa a que não ponho a minima duvida: eu, porém... bem sabes... E d'ahi, se queres que te diga, não me cheira... Menina, filha d'esse sacco de dinheiro, pode lá nunca realizar o typo que idealizei para a minha tão formosa como infeliz...

— Caluda! atalhou Wolkow — que ella ahi vem. Anda lá, que estás com sorte! Passa para diarte, disfarça, e deita o olhar para a tua esquerda, murmurou-me elle ao ouvido.

Alguns passos na nossa frente, caminhavam duas senhoras, envoltas em amplas capas de veludo guarnecidas de peles. Quando por ellas passámos, Wolkow fez-lhes tão profunda e respeitosa contumelia, que nem que fossem duas princezas. As damas corresponderam á saudação, apenas com ligeiro aceno de cabeça, e segundo me quiz parecer, com ar um tanto perplexo, e d'ali a nada sumiram-se ao voltar d'uma esquina.

Fiquei encantado! fulminado!  
— Leão, perola dos amigos! como te heide agradecer! — Ah! se eu conseguir pintal-a! .. Dir-se hia que a natureza a inventou de proposito para o meu quadro! Mas, olha lá, tu conhecel a? Eu? meu rico filho! nem pouco nem muito!  
— Pois não a cumprimentaste agora mesmo?  
— Cumprimentei, sim, mas foi para que ella olhasse para ti, e pudesses vê-la mais á vontade.

Era um verdadeiro prodigio! De estatura pouco mais que mediana, o corpo esbelto, delicado, airoso; o andar, os movimentos, em tudo, ensumma, transludia a maxima elegancia e a perfeição plastica das formas.

E como era formosa! O seu rosto, um tanto palido, e de expressão melancolica, pensativa, os olhos rasgados, escuros, a boca ideal, de purissimo contorno, com os labios do mais vivo carmim, parecia ter sido feita de proposito para alvo de beijos. — Um composto de perfeições, em summa, e que não esqueça a mais mimosa orelhinha, que me lembra de ter visto jamais, e que tanto realçava, em contraste com o veludo e as peles.

Passei toda a noite immediata em agitação febril, urdindo, em sonhos composições fantasticas, que enchiam leguas de telas em branco.

No dia seguinte, muito instigado por Leão Wolkow, dirigi-me a uns conhecidos do nosso professor, que frequentavam a casa da familia Richter. Como devem suppor, tive o maximo cuidado em que, nem por sonhos, transpirasse o motivo que me levava a sollicitar a apresentação. Pretextei o desejo, tão natural, attenta a minha posição de rapaz novo e solteiro, de alargar a escala das minhas relações sociaes, no intuito de procurar distrações. Só eu sei quanto custou, á minha incorrigivel timidez, ter de assumir o papel de mancebo leviano, esturdido, e soffregos de prazeres mundanos. Surprehendeu-me assaz a facilidade que encontrei em ser admittido por uma sociedade da qual vivera, até ali, tão afastado. Afinal de contas, disse eu com os meus botões, em que pese á rabuge do senhor meu tio, o nome illustre e a riqueza, sempre servem para alguma coisa, a todo aquelle que ambiciona vir a ser artista de nomeada. Não encontrei, portanto, maiores difficuldades em ser apresentado ao banqueiro Richter e a sua esposa, e não tardou muito, quando eu mal me precitava, que não recebesse convite para um sumptuoso baile, com representação theatral, ceia esplendida no jardim

de inverno do palacete, maravilhosamente illuminado. Compareci, um tanto contrafeito, porem; — isto estava ainda bem longe do que tão ardentemente desejava, nos meus devaneios de artista; mas, que remedio: era o caminho unico que podia levar-me ao ambicionado fim. Sentia-me a final, qual nunca me sentira, cheio de energia vontade, e como que inspirado. Exposição, publico, medalha de ouro, tudo esqueci — o quadro e só o quadro de dia e de noite, em sonhos até, perseguia-me como um espectro, uma obsessão constante. Onde quer que eu estivesse, apparecia-me inevitavelmente o rosto palido, meigo da desditosa Maria Stuart, — o olhar pathetico de Rizzio, e ainda a certeza de que, emquanto não levasse a effeito o meu quadro, não conseguiria ver quebrado o encanto.

A formosa filha do banqueiro, parecia, se é possivel, ainda mais bonita ao perto, do que quando pela vez primeira, a vira, envolta na sua ampla capa de veludo, e eu imaginava, com delicia, quão linda pareceria com o admiravel traje quinhentista da infeliz rainha da Escossia. Quando lhe fui apresentado, estendeu-me immediatamente a mão, com modo prazenteiro e exclamou: — Ah! é o senhor barão de Wart e Ulmbach, quanto estimo conhecê-lo; saiba que o conhecia de nome, ha já bastante tempo: tenho ouvido citar o seu nome como de artista que, em prazo muito proximo, virá a honrar a nossa Eschola. — e em seguida conversámos acerca de coisas futeis e banaes. Uma circumstancia que porém me causava espanto, era que a extrema semelhança que eu lhe encontrava com o typo creado pela minha imaginação, apenas se tornava sensivel quando estava calada. Realisava então completamente o ideal dos meus sonhos de artista. — Abria, porém, a boca para fallar e lá se desvanecia o encanto! O meu constante desejo era que ella não falasse. Assaz me mortificava ver que, sempre que eu tentava, empregando toda a especie de rodeios, puxar a conversa para o assumpto que tanta preocupação me causava e proferia uma palavra acerca de coisas de arte, calava-se logo. Não pensava senão em toilettes, luxo, elegancias, theatros, bailes, e manifestava a maxima indiferença por tudo quanto dissesse respeito ás artes.

Eu bem via, pois, que tão facil me fora conseguir ser-lhe apresentado, e ser recebido, até, com relativa familiaridade, como difficil se tornava encontrar ensejo de formular o pedido, que tão ansioso me trazia. Nem sequer me atrevia a pensar na hypothese de uma resposta desfavoravel, e portanto, sentia que me era mister proceder com a maxima cautela. A circumstancia de serem os Richters em extremo vaidosos da filha que Deus lhe dera, accrescia que, entre a classe a que pertenciam vigoravam, desde longa data, os mais arreigados preconceitos, — e pairava um eterno e desdenhoso mas — acerca da Arte e dos artistas. A tal respeito, não havia da parte d'elles o minimo reboço, e se me ligavam consideração era devido ao meu titulo de barão de Ulmbach, pois, emquanto á minha profissão, essa, lá para elles, era, quando muito, uma bonita prenda, méro passatempo; e eram baldados quaesquer esforços da minha parte, e escusado pensar que viessem jamais a reconhecer que na minha pessoa estivessem equiparados ambos os merecimentos.

(Continúa)

Pin-Sel (trad)

## OS CHARLATÃES

Varios jornaes publicaram, ha dias, a noticia de que um sujeito desconhecido, recentemente chegado a Lisboa, instára com uma respeitavel senhora, mãe d'um distincto medico ha pouco fallecido, para que lhe vendesse o diploma do filho; mas que a referida senhora não annuira á proposta, e não quizera desfazer-se d'um documento que tinha para ella o valor d'uma reliquia.

Esta noticia aguçou a curiosidade indigena, deu margem a largos commentarios e suggeriu varias hypotheses.

Quem seria a estranha personagem? Um doido, um excêntrico ou um maniaco? E para que queria elle um diploma de medico, se tal diploma lhe não pertencia?

Eis as perguntas que muita gente fazia e ás quaes ninguém acertava com resposta.

O *Seculo*, uma das folhas de maior circulação, quiz vêr se decifrava o enigma e mandou procurar o tal sujeito.

Realizada a entrevista, apurou-se que o desconhecido era um homem novo, de trinta a trinta e

cinco annos, bigode hirsuto e olhar intelligente; mas extremamente reservado e cauteloso — um verdadeiro homem de negocio.

Conversando acerca da aquisição do diploma, apenas disse que se achava encarregado da compra de documentos d'esta ordem, para um velho residente em Chicago, que já pouco poderia viver e que tinha a mania de colleccionador.

Estas declarações, porém, não satisfizeram a opinião publica.

Sabida a facilidade com que no estrangeiro se alcança, por meio da apresentação de certos documentos ás vezes até falsificados, um diploma universitario, muita gente suspeitou que não se tractava do supposto agente d'um colleccionador americano, mas de um finorino ou de um habilidoso que desejava obter um diploma de medico com o qual podesse apresentar-se lá fóra e alcançar auctorisação para exercer a clinica.

Pela nossa parte inclinamo-nos tambem para esta hypothese.

Este caso trouxe nos ao espirito a memoria d'um celebre intrujão, que ha annos appareceu nas abas do Caramulo, dizendo se medico e doutor, mas que não era nem doutor nem medico.

Filho d'um honrado lavrador d'aquelles sitios, deixou, creança ainda, a casa paterna e foi dar comtigo a Lisboa. Por lá andou muito tempo á gandaia, comendo almoços de acaso e jantares de occasião, até que um dia, cansado já da vida airada, metteu se como ajudante de enfermeiro a bordo d'um navio do estado.

O barco seguia viagem para a India e o homem foi parar á terra das Novas Conquistas, onde esteve ao serviço d'um medico professor na escola de Góá.

Annos depois falleceu o canarim e o nosso heroe apanhou-lhe a carta e uns velhos formularios therapeuticos. Com esta bagagem scientifica julgou se habilitado na arte de Hypocrates e eil-o de regresso á metropole, resolvido a apresentar-se como medico. E, se bem o pensou, melhor o fez.

Chegado ao Caramulo, começou a exercer a medicina, dando consultas, visitando doentes, formulando, fazendo operações, com uma audacia pasmosa e — diga-se a verdade — com uma felicidade rara.

A fama do novo medico espalhou-se por toda a serra; a voz publica attribuia-lhe curas milagrosas; a clientella vinha de longe consultal-o; os simples e ingenuos d'aquelles sitios já não queriam lá outro clinico.

O celebre *Doutor* teve um successo enorme e ruidoso.

Quando elle passava, erecto e aprumado, envolto n'uma ampla e comprida sobrecasaca preta, que lhe dava o aspecto d'um João Semana, o povo, humilde e respeitoso, descobria-se e em alta voz exclamava:

— Lá vem o medico santo!

Um dia, porém, começou, a desandar-lhe a roda e, quando elle julgava que ia subir ao Capitolo, eil-o despenhado na rocha Tarpeia.

Chamado á pressa para vêr um doente, recebeu-lhe uma tal dose de strichnina que o enfermo, tomando-a, passou-se d'esta para melhor vida.

Participado o caso ás auctoridades, instaurou-se processo ao curandeiro e contra elle se passaram ordens de captura.

Quando o *doutor* percebeu que tinha de dar conta dos seus actos, perdeu as estribeiras e começou a fazer asneira grossa. Suppondo que os da justiça eram papalvos e que conseguiria illudil-os, pegou na carta de inedito e foi affixal-a, á guisa de edital, na porta da igreja, para que toda a gente a visse. Apprehendido o documento, verificou-se que era falsificado. O nome do verdadeiro dono fóra substituido pelo do celebre curandeiro.

Preso o *doutor* e mettido na cadeia, foi levado á presença da auctoridade para lhe fazer os competentes interrogatorios.

Exercia então o cargo de juiz n'esta comarca um magistrado tão recto e justiceiro como sabedor e illustrado, que dirigiu aquelle acto não só com extrema corrección, mas com summa intelligencia e superior criterio. E era tal a austeridade do juiz e tal a agudeza do seu engenho, que o indiciado, até então risonho e tranquillo, perdeu de subito a serenidade e tornou-se tristonho e sombatico por vêr desfeito em pedaços o seu plano embusteiro.

Parece-me que estou a vêr o envolto na sobre-



MULHERES HESPAÑOLAS  
UMA AGUADEIRA ARAGONEZA

casaca preta: era um homem ainda moço, de 25 a 30 annos, estatura regular, côr sadia, olhar vivo e intelligente. Uma rara loquocidade trahia o, denunciando o intrujão imerito.

O juiz, grave e austero, senta-se na cadeira e começa os interrogatorios. Apóz as formalidades do estylo, pergunta ao reu:

— Qual é a sua profissão?

— Medico — responde o homem sem se perturbar.

— Onde estudou medicina?

— Na escola de Goa — acode promptamente o interrogado.

— Muito bem — continúa o juiz. A sua carta?

— E' essa que ahí está junta ao processo — diz o reu sem pestañar e apontando para os autos que estavam sobre a mesa do escrivão.

O juiz péga na carta, examina-a e continua: — Este diploma está falsificado: não lhe pertence. Mas diga-me: quantas cadeiras ha na escola de Goa?

— (O reu visivelmente atrapalhado:) Ha... ha... não sei quantas... não me recordo.

— E' singular! exclama o juiz. Quem foram os seus professores? Como se chamavam?

— (O reu, depois de um momento de hesitação:) Os meus professores, sr. juiz, foram... eram estrangeiros, tinham uns nomes esquisitos, não me lembro d'elles.

O magistrado já não podia conter uns froixos de riso; mas, para não destoar da gravidade do acto, punha a mão na bocca encobrindo o movimento dos labios e prosegua:

— Diga-me: de quantas partes se compõe a medicina?

O interrogado estava sobre brasas; já não respondia. O juiz continuava:

— Sabe o que é anatomia?

O reu... moita.

— Sabe o que é pathologia?

O reu... moita.

— Sabe o que é physiologia?

O intrujão... moita.

O magistrado suspendia o interrogatorio, voltava a cara para o lado e sorria. O escrivão só a custo poudo conter uma gargalhada. Aquillo foi uma exauctoração. O doutor, como medico, estava morto. Pallido e abatido, quando o juiz o mandou retirar do gabinete cambaleava e foi preciso o official amparal o para elle descer á prisão.

No dia seguinte, porém, recobrado o animo e esquecida a scena da vespera, o doutor chamava o carcereiro e dizia lhe:

— Estou doente. Vá chamar os meus collegas.

E lá ia o carcereiro chamar os medicos do partido.

A divisa d'este homem, como a de Danton, era: «De l'audace, encore de l'audace, et toujours de l'audace.»

Oh! os charlatães!...

Tondella, 15 de dezembro de 1895.

Eduardo Duarte.



## PUBLICAÇÕES

Portugal Agricola, 7.º anno, n.º 2, 3 e 4. Lisboa, 1895.

A conceituada revista agricola apresenta n'estes tres numeros artigos importantes. E' deveras notavel o estudo dos solos agricolas feito proficentemente pelo sr. Filipe E. A. Figueiredo. Artigo importante pela materia que discute, e o que se intitula: a «declaração» no imposto sobre o predio rustico, pelo distincto agronomo D. Luiz de Castro.

A serie de artigos acerca da conservação de fructa do qual o primeiro é do sr. Eduardo Sequeira é uma util popaganda. Todos os demais artigos estão á altura da bem redigida revista agricola cuja propriedade pertence ao illustre agronomo sr. Achilles Ripamonti.

Sal e Pimenta, revista semanal—

Fajal-Açores — 1895.

Tem em vista a nova revista insulana o cumprir a conhecida phrase: *Ridendo castigat mores*. E na verdade bem o faz n'este seu numero 3. Não é falta de espirito a sua proza.

O Brazão de Coimbra. Separata do «Instituto» volume XLII, n.º 10.

N'este folheto vem o artigo que no Instituto publicou acerca do brazão de Coimbra o illustre investigador sr. A. M. Simões de Castro.

N'este pequeno estudo deslinda-se com notavel erudição a verdade nas modificações que tem soffrido o brazão da poetica cidade do Mondego.

Ao auctor muito agradecemos o exemplar especial com que nos brindou.

Le Monde Moderne, revue mensuelle illustrée — Novembre et Decembre de 1895. Quantin-Editeur, Paris.

Estes dois fasciculos, completam o segundo volume da lindissima revista franceza. E' grande o numero dos seus artigos todos de notavel interesse e muito bem illustrados.

Constituem um verdadeiro modelo no seu genero.

O numero de janeiro com que esta publicação enceta o seu 2.º anno e terceiro volume, traz artigos muito bons e alguns deveras graciosos como por exemplo o das mulheres de Hespanha com lindissimas illustrações.

Altamente interessante é o artigo que trata da exposição de 1900. Entre as construcções artísti-

cas e archeologicas que se apresentarão e das quaes vem as gravuras, apparece a nossa torre de Belem.

Tudo o mais é egualmente curioso.

Revista Moderna, semanario illustrado.

Temos presentes alguns numeros mais da elegante publicação.

Entre as suas secções, a das *Variedades* distingue-se pela agudeza da critica, pouco propria de um semanario para familias.

Estudos historicos e moraes, por D. Francisco de Noronha. — Lisboa — Lucas e Filho; editores. — 1895.

E' um livro de erudição, de estudos comparados, de facil leitura. Delicadamente escripto, assumptos de admiravel escolha, vê se por todo o livro uma centuria das celebridades mais consideradas na historia. E' livro de ensino e de deleite. E' util e agradável. Pequenas biographias, rapidas notas sobre os caracteres mais celebrados. Em tudo chispa a nota delicada dos vastos conhecimentos historicos do seu auctor.

Almanach illustrado para 1896 — propriedade de F. Pastor, 14.º anno.

Contendo variadas gravuras e uma selecta secção litteraria onde se vêem artigos de interesse e poesias devidas ás pennas mais conhecidas.

Elogio Historico do Visconde de Seabra por José Dias Ferreira.

E' este o discurso feito no dia 4 de dezembro de 1895 na associação dos advogados de Lisboa, pelo socio effectivo da mesma associação o sr. conselheiro José Dias Ferreira.

E' um trabalho de erudito e de justiça para com o redactor do codigo civil portuguez.

As obras dos Jeronymos.

Com este titulo publicou o sr. Luciano Cordeiro, mais um trabalho para fazer parte da serie que intitulou *Vesperas do Centenario*.

Consta do parecer apresentado pelo mesmo senhor á commissão dos monumentos nacionaes, em sessão de 7 de novembro de 1895. N'elle se alvitraram diversos modos e formas de concluir o grandioso monumento das nossas glorias, e por isso se torna deveras sympathico.

O Instituto.

Esta revista scientifica e litteraria da erudita corporação de Coimbra, vae já no seu volume XLII.

Nos numeros que temos presentes, destaca-se como artigo de alto valor o dos *Estudos sobre Sa de Miranda*, pelo erudito dr. Sousa Viterbo. Todos os mais artigos tem importancia relativa e estão á altura da selecta publicação.

## NOVAS DO OUTRO MUNDO

CARTA DE JOÃO DE DEUS

AOS ESTUDANTES

POR

JOÃO DA CAMARA

PREÇO 100 REIS

Franco de porte

PEDIDOS À EMPRESA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»  
para 1896

Está publicado este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando uma burricada a caminho do Castello da Pena, em Cintra.

PREÇO 200 RÉIS — PELO CORREIO 220 RÉIS

À venda na

Empresa do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 39